INFORMATIVO

O TUIUTI

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025 **Janeiro** **Nº 472**

ALEA JACTA EST – O LIMIAR DE UMA NOVA ERA

Luiz Ernani Caminha Giorgis (*)

"Vamos para onde nos chamam os prodígios dos deuses e a iniquidade dos nossos inimigos. A sorte está lançada"[1].

"Veni, vidi, vici".

Caio Julio Cesar

Informações iniciais – Roma

Roma foi fundada em 21 de abril do ano de 753 a.C., mesmo dia em que Romulus (Rômulo) assassinou seu irmão gêmeo Remo[2].
Rômulo e Remo eram filhos de Rea Silvia, uma vestal[3] assim designada por seu pai Amúlio. Este, era irmão de Numitor, rei de Alba Longa, um dos doze filhos de Ascânio, filho de Enéias - o troiano[4], originário de Tróia, o verdadeiro fundador do que foi o Império Romano e do que é hoje a Itália. Isto, a partir do Lácio, região situada às margens do Mar Tirreno e limitada a leste pelos Apeninos. O Lácio foi o berço da civilização romana.

Os etruscos, assim chamados pelos povos locais, habitantes da Etrúria[5], foram os grandes fundadores de muitas cidades. Assim foi com Roma. Aos fatos.

O deus Marte estuprou Rea Silvia e nasceram então os gêmeos Rômulo e Remo, que foram largados às margens do Tibre para morrer, com tenra idade. Uma loba – a Lupa Capitolina, os amamentou (ao lado) na

[1] A frase é uma referência a uma comédia do dramaturgo grego Menandro. A frase grega original significa "que a sorte seja lançada" ou "que o jogo seja jogado". É usada para descrever uma decisão grave e enérgica, geralmente irreversível. A frase não é original, mas sim, atribuída a Júlio César, citando Menandro, que a proferiu no dia 11 de janeiro de 49 a.C. ao atravessar o Rio Rubicão, que separava a Gália Cisalpina do território romano.
[2] Na historiografia ainda existem muitas dúvidas sobre isto porque é difícil conciliar o que é lenda do que foi a realidade.
[3] As vestais eram sacerdotisas, escolhidas com idade entre os 6 e os 10 anos, que cultuavam a deusa romana Vesta e faziam voto de castidade, servindo a ela durante 30 anos. Mesmo estuprada, Reia sofreu o rigor do voto de castidade.
[4] Enéias era filho de Anquises, último rei de Tróia, e de Vênus. Fugindo de Juno, esposa de Júpiter, este príncipe troiano chega ao Lácio, casa com a filha do rei local – Latino, e funda uma cidade (Lavínio) em homenagem à sua esposa Lavínia, filha do rei. Os habitantes eram chamados de latinos (de Lácio) e criaram um novo idioma que deu origem aos atuais Português, Espanhol, Francês, Italiano, Romeno, Galego, Provençal e Catalão. "América Latina" é alusão aos dois idiomas falados no subcontinente. A saga de Enéias é contada no poema épico de Virgílio – Eneida. Virgílio sustenta que Enéias é o antecessor dos romanos.
[5] A Etrúria, ou Tirrênia foi uma antiga região na Itália Central, que abrangia uma parte do que é atualmente a Toscana, o Lácio e a Úmbria.

gruta Lupercal, região do Monte Palatino[6]. Um pica-pau - picus, um pássaro, os alimentou. Um pastor – Fáustulo, recolheu os dois meninos, a esposa – Aca Larência, os aceitou e o casal os criou.

Adolescentes, Rômulo e Remo mataram Amúlio e restituíram o trono a Numitor. Em recompensa, receberam a região da futura Roma (Giordani, 1968, p. 31). Rômulo e Remo decidiram então fundar uma cidade às margens do rio Tibre. O primeiro se definiu por uma área, o Monte Palatino. O segundo insistia no Monte Aventino.

Detalhe da pintura de Peter Paul Rubens. Rômulo e Remo amamentados pela loba. Fonte: todamateria.com.br (acesso em 17/01/2025)

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Iniciada a construção da cidade por Rômulo e fixados os "limes", Remo atravessou aqueles limites da nova cidade, por pura provocação a seu irmão. Este o assassinou e, com isso, ficou livre para decidir o destino da cidade, à qual deu o nome de Roma, derivado de seu próprio nome.

Entretanto, a historiografia concede aos dois irmãos o privilégio de fundadores daquela que seria uma das cidades mais importantes do mundo e capital do maior grande império da época.

Mas a cidade nasceu sob o signo do estupro, da tentativa de infanticídio, do assassinato e do fratricídio. E este signo a acompanhará sempre, sendo causa das contradições que a derrubaram, além da traição (inclusive às instituições), da mentira, da intriga e, principalmente, da luta pelo poder. Por várias vezes, o Exército ficou dividido, com as partes lutando entre si.

Eneias na corte de Latino. Óleo em tela de Ferdinando Bol, Rijksmuseum, Amsterdam, Holanda.
Fonte: Wikipédia (acesso em 17/01/2025).

Rômulo foi o primeiro rei. Ele buscou povoar Roma com aventureiros e mandou executar o famoso rapto das mulheres sabinas[7].

[6] Roma é rodeada de sete colinas. São os históricos montes Capitólio, Quirinal, Viminal, Esquilino, Célio, Aventino e Palatino. Existem ainda as colinas Pinciana, Janículo e Vaticano.

[7] Episódio lendário da história de Roma em que a primeira geração de homens romanos teria se originado através do rapto das jovens filhas das famílias da tribo vizinha dos Sabinos, que habitavam a região central da península Itálica.

O rapto das sabinas, de Sebastiano Ricci (1700). Fonte: https://artequeacontece.com.br/cenastipicasaqa-o-rapto-das-sabinas/

Rômulo, em concepção artística de worldhistory.org (acesso em 17/01/2025)

Períodos da História de Roma – Ocidente e Oriente

Para começar a entender a História desse império é fundamental dividir a sua trajetória em três partes, que são as seguintes:
- Monarquia (753 – 509 a.C.);
- República (509 – 27 a.C.); e
- Império (27 a.C. – 476 d.C.).

Foram 244 anos de monarquia, 482 anos de república e 503 anos de império. Total: 1229 anos. O ano de 476 marca o fim do Império Romano do Ocidente sob a ação dos bárbaros. Subsistiu o do Oriente – Bizâncio, depois Contantinopla, até 1453. Vejamos.

O imperador Constantino transferiu, entre 324 e 330, a capital principal de Roma para Bizâncio. Roma perdeu muito de sua hegemonia. A fundação de Constantinopla (cidade de Constantino) é referida a 11 de maio de 330. Estava fundado o Império Romano do Oriente.

Em 337, com a morte do imperador Constantino, os filhos Constantino II, Constante e Constâncio II receberam os territórios do Império.

Constâncio II ficou com o Oriente (Ásia e Egito), enquanto os irmãos Constantino II e Constante receberam o Ocidente (Europa e África). Os dois impérios foram contemporâneos durante somente 146 anos, ou seja, de 330 até 476.

O total da existência do Império Romano soma redondos 1700 anos, de 753 aC até 1453, lembrando que 146 foram de existência simultânea entre os dois impérios, Ocidente e Oriente.

A ascensão de Caio Júlio Cesar

O intervalo de tempo entre os acontecimentos referidos no ítem anterior e o advento da época da monarquia romana – o Império, foi de, pelo menos, 720 anos. Neste período, Roma teve os regimes da monarquia e da república.

Sucederam-se nos primeiros 243 anos, além de Rômulo, na sequência: Numa Pompílio, Tulo Hostílio, Anco Márcio, Tarquínio Prisco, Sérvio Túlio e Tarquínio Soberbo. Com a deposição deste último encerra-se o período da chamada Realeza Romana.

Seguiram-se Cônsules, Decênviros[8] e Ditadores, até o ano de 49 aC, quando Caio Cláudio Marcelo Maior foi deposto para o advento de Caio Júlio César. Vamos aos fatos.

O filho de Caio Júlio César e de Aurélia Cota nasceu em 13 de julho do ano 100 a.C. Recebeu o mesmo nome do pai. Não existem notícias sobre possíveis irmãos ou irmãs. Nasceu na capital do Império e foi assassinado em 15 de março de 44 aC em pleno Senado.

Ao longo da vida, Caio Júlio teve três esposas: Cornélia Cinila, Pompeia Sula e Calpúrnia Pisônia. Cornélia lhe deu a filha Júlia. Ptolomeu XV Cesarião era filho de Cleópatra, nunca reconhecido por César. Um filho foi adotado, o qual tomou o nome de seu pai adotivo e chamou-se Caio Júlio César Otaviano (Caius Julius Caesar Octavianus)[9].

A Caio Júlio César estava reservado um proeminente lugar na História de Roma. Foi, sem dúvida, o maior homem público e o maior general de Roma de todos os tempos.

---

[8] Integrante do Decenvirato, colégio de romanos eleitos para confeccionar as novas leis do ordenamento jurídico e assim harmonizar o conflito de décadas entre plebeus e patrícios e entre cônsules e tribunos da plebe, que estavam ameaçando o desenvolvimento da República.

[9] Este, seria o grande fundador do Império Romano e porisso chamado Augusto César. Era sobrinho-neto de César.

Em 85 aC, morreu o pai, e ele passou a ser o chefe da família, com 16 anos. Ainda nesta época, eclodiu uma guerra civil em Roma, entre os generais Caio Mário (tio de César), e Sula. Este, vencedor, passou a perseguir os parentes do chefe contrário – Mário, e então, Júlio, já casado com Cornélia, teve que se esconder, depois de ter sido despojado de sua herança, do dote de sua esposa e do seu sacerdócio, mas se recusou a se divorciar de Cornélia.

Uma investigação comprovou que César não tinha culpa em nenhuma conspiração contra Sula, que havia vencido Mário. Ele foi parcialmente reabilitado.

Mesmo assim, nesta altura (80 aC) Júlio César, com 19 anos, em fuga dos assassinos de Sula, foi para a Ásia, em expedição militar. Destacou-se entre os militares no cumprimento das missões, a despeito da pouca idade, e recebeu a honraria da "Coroa Cívica"[10].

Com a morte de Sula em 78 aC, César retornou para a capital, afastou-se do Exército[11], tornou-se advogado e caracterizou-se pela excelente oratória.

Três anos depois, em 75 aC, Caio Júlio estava se deslocando para Rodes e foi capturado por piratas no Mar Egeu. Sempre altivo, o romano se recusou a se comportar como um cativo. Quando soube que os piratas tinham fixado o seu resgate em 20 talentos[12] de ouro, ele achou graça e declarou que 50 era uma quantidade mais apropriada. Um grupo de sua comitiva foi enviado para obter aquele valor. Enquanto esperava, César dominou intelectualmente todo o grupo de piratas e dizia, em tom de brincadeira que, se a situação se invertesse ele, César, os "crucificaria a todos". Depois de 38 dias veio o resgate e o cativo foi libertado. Deslocou-se para Mileto, conseguiu reunir uma pequena força naval e atingiu os piratas no mesmo local onde esteve prisioneiro. Prendeu-os a todos e os conduziu para Mileto. A autoridade local não concordou em puni-los. Júlio foi até a prisão e decidiu executá-los pela crucificação mas, atendendo aos pedidos por clemência, cortou-lhes as gargantas. De qualquer forma cumpriu o que prometeu (www.britannica.com/story/the-time-julius-caesar-was-captured-by-pirates)[14].

Em 69 teve a pesada perda da esposa, Cornélia. Em seguida, foi destacado para a Hispânia como Questor. Ao retornar para Roma, dois anos mais tarde, casou-se com Pompeia, que era neta de Sula e da qual se divorciou em 62[15].

Nesta época, foi eleito tribuno militar, ou seja, oficial de Legião. Em seguida, por volta de 65 aC, já era Questor[16], cargo que evoluiu para o de Edil.

Dois anos depois César já era "Pontifex Maximus" (63 aC)[17] e no ano seguinte Pretor. Em 61 retornou à Hispânia (Ulterior) como governador. Voltou para Roma em 60.

Nesta fase, acontece algo importante: uma aliança entre os três generais: César, Cneu Pompeu Magno e Marco Licínio Crasso. Foi o primeiro triunvirato, entre 60 e 53 aC.

O governo de Roma, nesta fase, esteve totalmente nas mãos desses três chefes militares.

Em 59, casa com sua terceira esposa – Calpúrnia Pisão, filha do senador Lúcio Calpúrnio.

---

[10] Grinalda de folhas comuns de carvalho dispostas como uma coroa.

[11] Conforme o pesquisador Dr. Frederico Euclides Aranha, César não era militar e sim da Classe Equestre. Eventualmente servia ao Exército.

[12] Unidade de massa (peso) da antiga Mesopotâmia. Um talento de ouro, por exemplo, equivalia a 36 Kg do metal.

[13] Episódio relatado por Plutarco em sua obra Vidas Paralelas.

[14] Episódio relatado por Plutarco em sua obra Vidas Paralelas.

[15] Pompeia realizou uma festa na qual homem nenhum poderia participar. Um jovem, chamado Públio Clódio entrou disfarçado de mulher para seduzir Pompeia. Foi processado por sacrilégio. César não apresentou nenhuma evidência contra Clódio no julgamento e ele acabou inocentado. Mas César se divorciou de Pompeia, afirmando: *"minha esposa não deve estar nem sob suspeita"*. Esta frase deu origem a um provérbio: *"À mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta"*.

[16] Primeira graduação na hierarquia política. O cargo administrativo, era ocupado por membros da classe senatorial com menos de 32 anos e o mandato dava acesso direto ao colégio senatorial. Evoluiu para o cargo de Edil em 65 aC.

[17] Sacerdote supremo do colégio dos sacerdotes, a mais alta dignidade na religião romana. Inicialmente somente os patrícios podiam ocupá-lo, até um plebeu ser designado para o cargo em 254 a.C.

Caio Júlio César em concepção artística. Fonte: https://segredosdomundo.r7.com/curiosidades-sobre-julio-cesar/ e Aventuras na História (acesso em 20/01/2025)

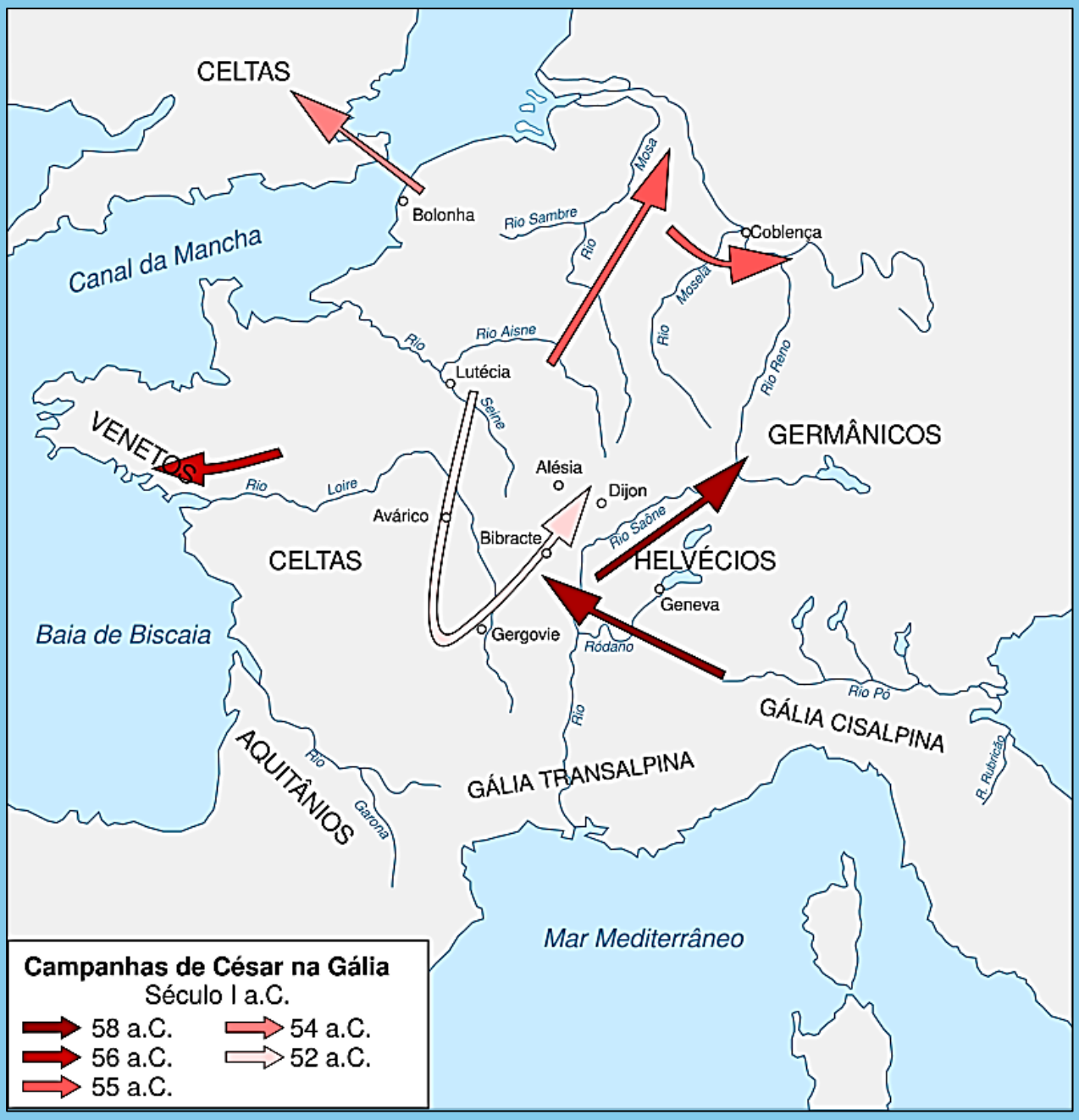
Em 58, Caio Júlio era Pró-Consul-Governador e, nestas funções, fez a campanha contra os Helvécios[18], liderados pelo aristocrata Orgetórix. Venceu-os nas batalhas de Bribacte e de Alésia.

No ano seguinte, luta contra os belgas. Estas guerras foram as primeiras lutas contra os gauleses da Gália Cisalpina.

As Guerras da Gália, o Rubicão e o "Alea Jacta Est"

A historiografia designa como Guerras da Gália o conjunto de campanhas de Júlio César iniciadas em abril de 58 aC e finalizadas durante a primavera de 52 aC quando, após um cerco de dois meses, César apoderou-se de Alésia e aprisionou Vercingetórix, líder dos Gauleses.

Estas campanhas permitiram estabelecer o domínio romano sobre a Europa a oeste do rio Reno (Gália Transalpina). A imagem abaixo mostra o espaço geográfico em questão.



[18] Povo de idioma celta que habitava a região onde é hoje a Suíça.

Região da Gália Transalpina: a França atual, as regiões alemãs à margem esquerda do Reno, parte da Holanda, a Bélgica e quase toda a Suíça. O sudeste desta área já estava ocupado por Roma. Era a província narbonense (Giordani, 1968, p. 58). Os grupos étnicos da Gália eram: aquitânios, celtas e belgas. No conjunto, os gauleses enfrentavam muitas divisões político-sociais. O equilíbrio era exercido pelo misto de sacerdotes e sábios – os druidas. Eles eram responsáveis pela educação da juventude, pelo julgamento de processos e pela execução dos sacrifícios.

Depois de conquistar o SE em 58 aC lutando contra os helvécios (já mencionado) e contra o comandante germânico Ariovisto, César domina os belgas, vênetos e aquitânios (56 aC). Os anos de 55, 54 e 53 foram dedicados a expedições contra a Germânia e contra a Bretanha (atual Inglaterra). O problema maior foi que os gauleses não aceitaram o domínio romano, conspiraram e lutaram contra os invasores romanos.

Em 52 aC, já no sétimo ano da guerra, uma insurreição geral liderada por Vercingetórix passou a ameaçar todos os feitos militares de César. Mas este, fruto das suas experiências anteriores, liderança, energia inquebrantável, senso profissional e talento vence as últimas resistências e acaba por aceitar a rendição de Vercingetórix em Alésia. Em 50 aC, "a Gália está completamente dominada pelas legiões de Júlio César" (Giordani, idem).

Com estas vitórias, ao longo de tanto tempo, a Gália foi pacificada e passou a ficar integrada ao mundo romano, ou seja, um período pré "pax romana"[19].

Caio Júlio César é lembrado até hoje pela sua obra clássica, uma descrição da conquista da Gália chamada "Commentari de Bello Gallico"[20].

Vercingetórix se rende a Júlio César, pintura de Lionel Royer no Museu Crozatier, em Le Puy-en-Velay. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Siege-alesia-vercingetorix-jules-cesar.jpg?uselang=pt#Licenciamento

[19] Período de 200 anos iniciado pelo Imperador Augusto (27 aC-14 dC), também chamado "era do ouro".

[20] Acessível em https://www.google.com.br/books/edition/De_Bello_Gallico/2lAKEQAAQBAJ?hl=pt-PT&gbpv=1&printsec=frontcover

O prestígio de Caio Júlio César cresceu exponencialmente, além do dinheiro que ganhou e da confiança e dedicação de seu exército. Tudo isto ao custo de, segundo Plutarco, um milhão de mortes, número igual de escravos, 800 cidades e 300 tribos.

Em janeiro de 49 aC, adota a atitude que já vinha acalentando há tempo: a invasão de sua própria cidade – a capital do Império Romano.

Nos últimos anos da década de 50, Roma vivia uma grave situação. A anarquia imperava na cidade, onde motins sangrentos eram provocados pelo líder político Clódio, candidato à Pretor.

Antes, os dois generais Pompeu e Crasso foram eleitos cônsules, enquanto César permanecia na Gália. Com isso, o triunvirato ficou descaracterizado. Os dois chefes foram destacados para a Espanha, o primeiro, e para o Oriente, o segundo. Mas Pompeu não segue para a Espanha – permanece em Roma, onde procura restabelecer a ordem. Para isso, o Senado o designa Cônsul Único, com plenos poderes – uma verdadeira ditadura[21]. O único obstáculo para a continuidade desse poder total chamava-se César. Uma verdadeira luta pelo poder!

Procurando consolidar o restabelecimento da ordem, o Senado convoca César, e este se recusa a atender. Pura desobediência a uma instituição da República Romana.

E então, em janeiro de 49 aC, César atravessa o Rubicão e desencadeia uma guerra civil. Entre janeiro e abril, Caio Júlio procura impedir a fuga de seus adversários de Roma para o Oriente. Não consegue. As suas tropas entram em Roma em abril, sem enfrentar nenhuma força oponente. Domina ele completamente a situação, com muita energia, e passa a preparar a luta contra seus inimigos.

Crasso já havia morrido depois da derrota na Batalha de Carras em 53, quando 20 mil homens perderam a vida e 10 mil foram feitos prisioneiros.

Restava Pompeu. Este, foi vencido na Grécia – Batalha de Farsália, em agosto de 48. Fugiu ele para o Egito e lá foi traiçoeiramente assassinado.

Ou seja, quando César invadiu Roma os inimigos já eram outros, os seguidores de Pompeu e Crasso, que foram dominados.

A luta de Caio Júlio continuou no Egito em 48, Ásia em 47, na África e na Espanha. Todos os obstáculos para a realização de seu sonho – a monarquia, já tinham sido, então, removidos. Já era encarado e tratado como um semideus. Erro grave, que seria trágico.

No dia 15 de março de 44 aC, em pleno recinto do Senado romano, foi assassinado.

Como foi a travessia do Rubicão? Qual foi a sua importância militar? E política?

Atual rio Rubicão, em Bellaria-Igea Marina, Emilia Romagna, região NE da Itália.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Rubic%C3%A3o

[21] Na verdade, César nunca cogitou estabelecer uma monarquia durante seu período de Ditador. Não há nenhuma evidência histórica que comprove isso, conforme o Dr. Frederico Euclides Aranha.

O Rubicão (acima) separava a Itália da Gália Cisalpina, ou seja, a Gália aquém dos Alpes, região do norte da Itália, entre os montes Apeninos e os Alpes, na planície do rio Pó. Provavelmente, hoje, se trata do rio Fiumicino.

Em 10 de janeiro de 49 aC, pela madrugada, a 13ª Legião, sob o comando do General Caio Júlio César, estava imóvel em formação de combate, na margem norte do rio Rubicão, aguardando ordens sob um frio terrível do inverno europeu[22]. A tropa esperava o som das trombetas.

Ultrapassar aquele limite era uma "ofensa mortal" (Holland, 2010, p. 13) às instituições romanas. De fato, era uma declaração de guerra ao próprio estado. A ordem já havia sido emitida na tarde daquele dia. Faltava a execução. Mas César hesitava, ciente do enorme passo que daria.

Na verdade, quando o Senado o convocou há meses, e ele não atendeu, implicitamente já tinha recebido essa autorização, embora tivesse que dissolver sua tropa. Isso era rigidamente proibido. Mas as circunstâncias eram diferentes. Dissolver seu exército era tudo que ele não podia.

A travessia do Rubicão não era um feito militar. O rio não era obstáculo. Não havia tropa adversária do outro lado. A travessia da linha divisória era política, mas realizada por militares. Para César havia chegado a hora da verdade. A república romana estava em fase terminal.

"A travessia do Rubicão marcou o fim de uma era" (Holland, 2010, p. 15). Mas não somente isso. Marcou também o início de uma nova era, que é o subtítulo deste trabalho. Foi o fim da república e o início processo de implantação da monarquia. Não foi, com certeza, o zênite da civilização romana, longe disso, mas pelo menos houve uma promessa. Na sua obra De Bello Gallico, César deixou bem claro o seguinte: "A natureza humana é universalmente imbuída de um desejo de liberdade e de um ódio à servidão". Sábias palavras.

Conforme Tom Holland, o que era a república senão uma sociedade baseada na parceria entre o Senado e o povo? "Senatus Populusque Romanus" – cuja sigla SPQR se tornou um símbolo.

Ao alvorecer, tropas de um tipo de escalão avançado de Júlio César já haviam passado para a margem oposta. E o exército transpôs o rio. Não havia como retroceder. Começava uma guerra civil. Entretanto, a decisão de César e sua execução de ação rápida forçou Pompeu, os cônsules e grande parte do Senado romano a fugirem de Roma. Pompeu ordenou a evacuação da urbe.

[22] Conforme Tom Holland (p. 13), os soldados de Infantaria batiam seus pés no chão para aumentar a circulação.

A distância daquele local até Roma era, pelo menos, de 360 Km. César dirigiu-se a Rimini e depois para Roma, onde domina completamente a situação. Não havia tropa nenhuma na capital que pudesse lhe fazer frente. O efetivo de uma legião Romana era entre 4 mil e 5 mil homens, mas ele comandou nas Gálias cinco legiões: a 8ª, 9ª, 10ª, 12ª e 13ª, ou seja, pelo menos 20 mil homens[23].

No ano de 49, ainda, César derrota os filhos de Pompeu na Espanha e é eleito ditador. Pompeu consegue fugir mas será derrotado por César em Farsália[24] (Grécia, 48 aC) e, em seguida, assassinado. No ano seguinte, César derrota Fárnaces, filho de Mitrídates, retorna à Itália e depois segue para a África, já em 46, onde derrota Cipião. Catão se suicida e Cipião morre afogado.

Em 44, Caio Júlio é nomeado ditador vitalício. O Cônsul é Marco Aurélio. E então, ocorre o assassinato, descrito a seguir.

O assassinato e o futuro de Roma

Na véspera de sua morte Júlio César jantou com um patrício fiel a ele – Lépido, que era seu Delegado na função de Ditador. Este cargo, o de Lépido, era designado "Mestre do Cavalo".

Entre amigos, perguntaram a ele, César: "Qual a mais doce das mortes?" César respondeu: "Aquela que vem sem avisar". Ser avisado era temer; temer era ser emasculado (Holland, 2010, p. 360).

Pela manhã, o Senado estava reunido no chamado Grande Salão de Pompeu. Ao lado, aconteciam competições, e isso excitava tanto os romanos como os competidores, porque o espetáculo era sangrento. Para Roma, nenhuma novidade. A existência dela era marcada pelo sangue, pela guerra e pela destruição.

Ao adentrar no Senado, César foi saudado pelos parlamentares. Ao sentar na sua poltrona dourada (Curul), de ditador, uma multidão o cercou. Uma petição lhe foi apresentada. Conforme a descrição do historiador Tom Holland:

> "Subitamente, ele sentiu que sua toga estava sendo puxada pelo ombro. Exclamou: 'Ora, isso é uma violência'. No mesmo instante, sentiu a dor de um corte em sua garganta. Voltando-se, viu um punhal, vermelho com seu próprio sangue. [...] Instantes depois, viu um outro punhal prestes a lhe perfurar a virilha, e quem o segurava era Marco Bruto, que diziam ser seu filho. Sussurrou ele em seguida: 'Até tu, meu filho?', e caiu ao chão. Sem desejar que vissem a sua agonia de morte, César cobriu a cabeça com a faixa de sua toga. A poça vermelha de sangue manchou a estátua de Pompeu. César, morto, jazia à sombra de seu grande rival" (Holland, 2010, p. 362).

Considerações finais

Estava morto o maior dos romanos, vítima da luta pelo poder, luta da qual ele próprio participara muitas vezes em diversas circunstâncias. Os dois cabeças do assassinato foram Bruto e Cássio Longino, este antigo aliado de Pompeu[25]. Longino havia proposto um triplo assassinato: César, Marco Antônio e Lépido. Sua proposta não foi aceita. Não era uma manobra política e sim uma execução. Mas, é evidente, uma execução com claros desdobramentos políticos.

Bruto saiu correndo do Senado ainda com o punhal ensanguentado na mão. No Fórum Romano ele anunciou que César estava morto – a República estava salva.

Aqui está o cerne da questão.

---

[23] Além disso, as forças eram compostas por igual efetivo de Vélites – a Infantaria Ligeira romana, que lutava à frente das legiões romanas. Os seus integrantes eram recrutados entre as classes mais pobres da população.

[24] Defrontaram-se 30 mil homens de César contra 50 mil de Pompeu. Romanos contra romanos.

[25] Segundo o Dr. Frederico Euclides Aranha, os assassinos de César e bom número de Senadores foram aliados e combateram ao lado de Pompeu. Mas foram perdoados por César e reincorporados à vida pública.

No ano seguinte, houve a formação do segundo triunvirato: Marco Antônio, Otaviano e Lépido. E a vida de Roma prosseguiu, entre trancos e barrancos. Como sempre, nesse império carregado pelas contradições, traições, guerras, lutas internas, mentiras, intrigas e muita pornografia.

César havia realizado a transposição do Rubicão sem que nenhuma tropa adversária lhe oferecesse combate. Em matéria de operação militar: insignificante. Da mesma maneira, em Roma, nada se lhe opôs. Os inimigos haviam fugido.

520 anos depois, os povos bárbaros tomaram Roma – Queda do Império Romano do Ocidente. As Gálias, o território que César conquistou à custa de tantas mortes e tanta destruição, foram perdidos por Roma. Hoje, são os territórios da França, conquistados pelos francos, uma das tribos germânicas que adentraram o espaço do Império Romano a partir da Frísia como federados e estabeleceram um reino duradouro na área, formando a semente etno-histórica desse país.

Os bárbaros foram mais fortes na invasão horizontal. Mas na vertical – a cultural, Roma conseguiu se preservar, e transmitiu sua cultura ao mundo ocidental, a civilização greco-romana-judaico-cristã. Eis César. Eis Roma. Ipso Facto.

Assassinato de César/Crédito: Wikimedia Commons/Karl von Piloty

"Somente uns poucos preferem a liberdade – a maioria não anseia mais que ter senhores justos"
Caio Salústio Crispo (86 – 34 aC), historiador romano de origem sabina em "Histórias"

Referências

GIORDANI, Mário Curtis. História de Roma. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
HOLLAND, Tom. Rubicão – O triunfo e a República Romana. Rio de Janeiro: Record, 2010.
www.britannica.com/story/the-time-julius-caesar-was-captured-by-pirates)
Consultas pontuais – pesquisador Dr. Frederico Euclides Aranha (24/01/2025).

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro, Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RS (lecaminha@gmail.com)

[26] Episódio relatado por Plutarco em sua obra Vidas Paralelas.

JACOBINISMO E EXÉRCITO – PRELÚDIO DE TRAGÉDIAS

Luiz Ernani Caminha Giorgis (*)

"Liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome"

Madame Marie-Jeanne Roland, 1793, ao ser presa por força da Revolução Francesa

Informações iniciais

O verbete "Jacobinismo", da página da Fundação Getúlio Vargas, nos diz:

> "Termo importado da Revolução Francesa, cujo significado mudou através dos tempos. No Império, definia os republicanos ardorosos; após a República, os partidários do presidente Floriano Peixoto. Devido às manifestações ruidosas que estes promoviam, jacobino tornou-se sinônimo de desordeiro e hoje identifica o revolucionário radical e extremista" (Jacobinismo.pdf, FGV, acesso em 28/01/2025).

Em 1719, foi instalado na Rua Saint Jacques, à margem esquerda do Sena, bairro 5º arrondissement, Paris, o Convento dos Jacobinos. Em latim, Jacques é Jacobus, daí "jacobinos". O grupo de religiosos era o dos "dominicanos", e esse convento era o principal da congregação.

Na França pré-revolucionária, segunda metade do século XVIII, Robespierre[27] (ao lado) fundou o Clube dos Jacobinos. Em francês: Club des Jacobins.

Este Clube congregou um grupo político formado por pequenos burgueses e proprietários rurais franceses. Reuniam-se eles no Convento dos Jacobinos. Por extensão: Jacobinos.

A reivindicação sociopolítica dos jacobinos era a das reformas sociais. Era um grupo radical no seu posicionamento em defesa da Revolução Francesa. Defendiam eles a democracia de massas, mas com uma direção política centralizada e tirânica. Além disso, o sufrágio universal masculino e uma "virtude" republicana coletiva, mas preservando o talento privado. Conforme analistas políticos hodiernos, o Jacobinismo foi o inspirador de diversos outros movimentos político-sociais da sua época e posteriores.

Durante o processo de implantação e consolidação dos ideais da Revolução Francesa os Jacobinos exerceram um predominante papel. Outros jacobinos conhecidos, além de Robespierre, foram Jean-Paul Marat e Georges Danton.

Nas sessões da Assembleia Legislativa sentavam-se eles no lado esquerdo da sala. Portanto, eram "esquerdistas", conceito político e ideológico que, evidentemente, evoluiu ao longo do tempo.

No processo revolucionário, os deputados Jacobinos, juntamente com os Girondinos[28] e com os Cordeliers faziam parte do chamado Terceiro Estado.

---

[27] Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758-1794) foi um advogado e político francês e uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa.

[28] De Gironda, região do sudoeste francês. Os girondinos eram um grupo de posicionamento moderado. Sentavam-se do lado direito da sala de reuniões.

O Jacobinismo no Brasil

Conforme a FGV, no Brasil:

> os clubes republicanos radicais do fim da monarquia se diziam jacobinos por defender as mesmas ideias dos franceses um século antes. Proclamada a República em 1889, cresceram em número e espalharam-se pelo país, tornando-se o principal apoio político-militar de Floriano Peixoto, vice-presidente que tomou posse na presidência com a renúncia de Deodoro da Fonseca em 23 de novembro de 1891 e cujo mandato presidencial foi contestado como ilegal. Os florianistas diziam-se jacobinos e defendiam o nacionalismo, pois suspeitavam que estrangeiros, especialmente portugueses, conspiravam contra Floriano e contra a República. Tinham dois jornais, O Nacional e O Jacobino, este de Deocleciano Mártir, líder do movimento. Devido a suas manifestações ruidosas, a imprensa os chamava de arruaceiros, e políticos respeitados como Joaquim Nabuco não os levavam a sério. Com a posse do presidente Prudente de Morais em 1894, os jacobinos tornaram-se oposição e passaram a defender ações violentas contra estrangeiros e opositores. Uma delas foi o atentado contra Prudente de Morais, em que foi morto o ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt. Deocleciano Mártir foi preso e condenado a 30 anos de prisão como mentor do atentado, e os batalhões foram dissolvidos. O jacobinismo perdeu sua força política, passando o adjetivo a designar radicais e extremistas políticos (FGV, apud GOMES, A. Jacobinos).

Portanto, os ventos libertários da Revolução Francesa chegaram ao Brasil e, um século depois, os jacobinos tupiniquins pretenderam adotar os métodos aplicados na fase do Terror da França revolucionária.

Ocorre que lá, os jacobinos lutaram contra o absolutismo dos Luíses. Aqui, a monarquia já era parlamentarista desde 1847. Na história da monarquia brasileira tivemos, realmente, somente um período absolutista na época do início do primeiro império, o de Dom Pedro I. E foi só.

O jacobinismo brasileiro atingiu, como um vírus mortal, principalmente os jovens e, dentre eles muitos militares de baixa patente. Pura ignorância, por influência de alguns visionários que confundiram tudo: republicanismo, antimonarquia, tenentismo, militarismo, constantismo, positivismo, florianismo, republicanismo... Era comum ouvir falar em “os militares jacobinos”.

Joaquim Nabuco estava correto...

Essa miscelânea de crenças, convicções e conceitos não poderia dar certo.

Após a Proclamação da República não tardaram a aparecer os graves problemas. A renúncia de Deodoro, a ascensão de Floriano, a Revolta de 1893/95 no RS, as duas Revoltas da Armada, a Guerra de Canudos, etc.

Não faltaram sedições, motins, rebeliões, naquilo que seria a história da República dos Sonhos. Nem República, nem sonhos[29] .

136 anos depois, o Brasil não consegue se livrar do estigma do golpismo, resultado direto do que já foi acima citado.

Considerações finais

Os últimos acontecimentos nos campos político e militar confirmam as afirmações acima colocadas.

É prematuro fazer qualquer projeção do que acontecerá, posto que são muitas as circunstâncias, muitas pessoas envolvidas, etc.

[29] Maria Tereza Chaves de Mello em A república e o sonho (scielo.br/j/vh/a/fsRHBpBQKvgGGdgqkJQLCnd/.

Mas o que parece claro é que militares, inclusive de alta patente, e civis, de uma forma ou de outra, estão envolvidos naquilo que se chama de “terrorismo de estado” já que, tudo indica, além de planejarem um golpe de estado, planejaram também o assassinato e/ou o sequestro de autoridades. Ainda restam a fazer muitas investigações. Projeções, atualmente, serão prematuras.

Alguns militares do Exército estão presos, à disposição da justiça, assim como um policial federal. Outros 36 ainda estão na condição de indiciados.

É a sanha golpista, trazida do final do século XIX, que se manteve durante todo o século XX e que se projeta agora no cenário da república.

Triste realidade.

É questão de justiça destacar que o período de maior estabilidade política no país foi entre a implantação do parlamentarismo por meio da criação do cargo de Presidência do Conselho de Ministros, ou seja, entre 1847 e 1889.

Devemos creditar isso à magnificência de Dom Pedro II, o único estadista que existiu na História deste país.

A república acabou com isso.

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga – Dom Pedro II

Na origem da atual ordem mundial: a desordem brutal criada por dois ditadores

- Paulo Roberto de Almeida -

Lula se prepara para participar com Putin, no início de maio de 2025, das celebrações pelo final da II Guerra Mundial, 80 anos atrás, em grande medida vencida graças aos esforços do povo russo (não existe povo soviético) contra as tropas nazistas que invadiram o seu país em 1941.

De fato, a derrota das forças nazifascistas que deslancharam a guerra europeia e mundial em 1939, dominando grande parte da Europa nos dois primeiros anos, depois estendendo o conflito a outros territórios (URSS e EUA) a partir de 1941, foi o que determinou a articulação militar que acabou gerando, entre 1944 e 1945, a ordem mundial da ONU, que hoje está sendo abalada e fragmentada por repetidas demandas por uma "nova ordem global multipolar".

Putin pretende fazer da comemoração dos 80 anos do final da guerra no coração da Europa uma espécie de triunfo continuado da Rússia em prol da construção de um mundo de paz baseada na força militar, e Lula faz questão de prestigiar o evento, com sua presença pessoal.

Ambos o fazem na ignorância deliberada de dois eventos que mistificam a data, ao esconder o essencial, tanto na história quanto na atualidade.

Esta última é marcada não pela paz, mas pela guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia, que Lula prefere ignorar por completo, e que é o sinal mais evidente da fragmentação da ordem mundial criada 80 anos atrás, ao cabo da maior guerra global da humanidade (até o presente).

Mais importante ainda: Putin quer fazer esquecer — e Lula deve ignorar totalmente— que a IIGM terminada em 1945 só pôde ser iniciada pelo fato das duas grandes tiranias existentes em 1939, a União Soviética de Stalin e a Alemanha nazista de Hitler, terem concluído um pacto de não agressão oportunista, contendo como cláusula secreta a invasão e divisão da Polônia, o que permitiu o início da guerra uma semana depois.

Comemorar o fim de uma guerra esquecendo o que permitiu que ela começasse é um gesto sórdido de esquecimento deliberado da História, que Lula pretende praticar, ao lado de seu amigo Putin, companheiro no Brics e parceiro na tentativa de desmantelamento da atual "ordem ocidental", o tirano de Moscou que já foi chamado, justamente, de "Hitler do século XXI".

Putin prefere negligenciar o papel dos dois ditadores responsáveis pelo início da mais horrenda catástrofe do século XX.

Que Lula se junte a uma mistificação histórica, em nome do Brasil e do povo brasileiro, ademais em meio a uma nova guerra de agressão de certo modo similar à tragédia de 1939, 86 anos atrás, representa uma desonra para o povo brasileiro, que

também sofreu as consequências da mais terrível guerra que abalou a humanidade e que destruiu a “ordem mundial” precedente.

Que Lula também pretenda, no mesmo contexto, ajudar a construir uma “nova ordem global”, proposta por um violador da Carta da ONU e das regras mais elementares do Direito internacional, buscado pelo TPI por crimes de guerra e crimes contra a humanidade, revela apenas sua imensa ignorância sobre os pilares fundamentais da ordem mundial atual que ele pretende substituir por algo tão vago quanto essa “nova ordem multipolar” proposta por dois líderes autocráticos.

O Brasil e o povo brasileiro não merecem essa consagração do atual destruidor da ordem mundial existente, pelos mesmos meios, a força bruta e a violação de direitos fundamentais vigentes na época (a Liga das Nações e o Pacto Briand-Kellog), pela adesão ingênua do atual dirigente brasileiro, desprovido de um adequado conhecimento histórico, mas animado de uma dispensável oposição à presente ordem mundial multilateral da qual o Brasil e sua diplomacia se consideram legítimos construtores, 80 anos atrás.

Não cabe esquecer o que motivou essa construção, seis anos antes da data agora mistificada para esconder os gestos sórdidos que estiveram em sua origem.

Paulo Roberto de Almeida
Embaixador aposentado, ex-cônsul nos Estados Unidos, Ministro da Embaixada em Washington, diretor do Instituto de Pesquisas do Itamaraty
Brasília, 29/01/2025

@@@

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano, Presidente da AHIMTB/RS

(lecaminha@gmail.com);

Sites:

www.ahimtb.org.br e

www.acadhistoria.com.br;

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

Site do Núcleo Militar de Gramado/Rainha do Mar: www.nuclev.com;

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de Guararapes: http://historiapatriota.blogspot.com